**ASSISTÊNCIA AO PACIENTE EM CHOQUE HIPOVOLÊMICO E SÉPTICO: UM ESTUDO DE REVISÃO INTEGRATIVA**

Willians Henrique de Oliveira Santos 1

Caroline Barbosa da Silva Porto 2

Jaqueline da Silva Leitão 3

Denise Espindola Castro 4

Roseli Dias Lima 5

Rosivalda Ferreira de Oliveira 6

Katia da Silva dos Santos 7

Everson Rafael Wagner 8

Thaiz Gomes Marques 9

Claudiana Albuquerque Vieira de Melo 10

Gisele dos Santos Moreira 11

Valquíria de Araújo Hora12

Mariana Santos de Oliveira13

Irlane Silva Veras 14

Kaio Flávio Freitas de Sousa 15

**RESUMO:**

**INTRODUÇÃO:** A assistência dos profissionais de enfermagem torna-se fundamental para a recuperação do paciente acometido por choque hipovolêmico e séptico, visto que o tratamento quando realizado de maneira eficaz, poderá trazer contribuições para o melhor prognóstico dos pacientes. **OBJETIVO:** Descrever a assistência realizada pelos profissionais de enfermagem frente ao paciente com choque hipovolêmico e séptico. **METODOLOGIA:** O presente estudo trata-se de uma revisão de literatura do tipo integrativa. O levantamento bibliográfico foi realizado entre o período de 01 a 30 de setembro de 2023, nas bases de dados LILACS e SCIELO. Para a busca dos estudos foram utilizados os seguintes descritores: choque hemorrágico, choque AND enfermagem que estão registrados nos Descritores em Ciências da Saúde e que foram definidos de acordo com a temática proposta. Os critérios de inclusão foram os artigos originais na íntegra disponíveis nas bases de dados, escritos em língua portuguesa e que foram publicados nos últimos dez anos, entre o período de 2013 a 2023. Após a análise, leitura dos estudos e aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados um quantitativo de 7 estudos para compor a revisão. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Após a seleção dos estudos nas bases de dados, foram distribuídos em um quadro de dados contendo as seguintes informações: título, autor, ano e objetivo do estudo. Observa-se que a equipe de enfermeiros do trauma gerou impactos, permitindo a identificação do paciente com risco para o desenvolvimento de choque hemorrágico. Ademais, estes foram os profissionais escolhidos para a realização do manuseio da tromboelastometria, disponível no hospital para a utilização em pacientes com hemorragia grave, sendo uma metodologia de avaliação da coagulação, assim possibilitando a otimização e redução de desperdícios em sua utilização. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Portando, percebe-se que existiram falhas na assistência de enfermagem, principalmente referente aos registros acerca dos horários de administração dos antibióticos, ausência dos sinais vitais dos pacientes, e administração das medicações em período superior ao recomendado, tal como ausência das evoluções clínicas.

**Palavras-Chave:** choque, hipovolêmico, séptico.

**Área Temática:** Ciências da Saúde

**E-mail do autor principal:** henrique.riachao.14@gmail.com

1 Enfermagem, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana – Bahia, henrique.riachao.14@gmail.com

2 Enfermagem, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana – Bahia, cbsp.carol@gmail.com

3 Enfermagem, Centro Universitário FAMETRO, Amazonas - Manaus, jaquelynesilva18@gmail.com

4 Enfermagem, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre –Rio Grande do Sul, dk\_castro@hotmail.com

5 Enfermagem, Faculdade Nobre (FAN), Feira de Santana – Bahia, roselyenf165@gmail.com

6 Enfermagem, Escola Superior da Amazônia (ESAMAZ), enf.rosa.oliveira@gmail.com

7 Enfermagem, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre – Rio Grande do Sul, Katias1982@gmail.com

8 Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre – Rio Grande do Sul, eversonw@gmail.com

9 Enfermagem, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana – Bahia, marqueznina.tm@gmail.com

10 Enfermagem, Faculdade Estácio do Recife, Pernambuco – Recife, clauenf@yahoo.com

11Enfermagem, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana – Bahia, gisele18smoreira@gmail.com

12 Enfermagem, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana – Bahia, kiriaaraujo25@hotmail.com

13 Enfermagem, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana – Bahia, marih\_santos\_oliveira@hotmail.com

14 Enfermagem, Faculdade Gianna Berreta, irlane.veras@gmail.com

15 Enfermagem, Faculdade Estácio do Recife, Pernambuco – Recife, kaio.Souza.res@ufpe.br

**1. INTRODUÇÃO**

Estando em consonância com Silva; Garrido; Assunção (2001) o choque é caracterizado por uma redução absoluta ou relativa da oferta de oxigênio aos tecidos, sendo secundário a graves distúrbios de perfusão, que acabam desencadeando um metabolismo de forma anaeróbica, desse modo o evento final desse processo é a disfunção orgânica, que torna-se a principal causa de óbito na população.

Alguns estudiosos como Lima et al., (2023) afirmam que quando ocorre à perda sanguínea de forma traumática existe um grande risco para o desenvolvimento do choque hipovolêmico, que pode encontrar-se presente e ser agravado pela hemorragia visível ou presumida.

Diante disso, as lesões traumáticas graves continuam sendo um grande desafio aos sistemas de saúde em todo o mundo, e o sangramento pós-traumático segue sendo a principal causa de mortalidade potencialmente evitável entre os pacientes, sendo assim torna-se imprescindível que os profissionais de saúde estejam devidamente preparados para realizar o manejo de sangramentos e coagulopatias graves após as lesões traumáticas (SPAHN et al., 2019).

Da mesma maneira, a sepse é caracterizada em um processo de resposta infamatória sistêmica, que envolve alterações nas funções de múltiplos órgãos do corpo, incluindo o desequilíbrio nas respostas inflamatória e imunológica, podendo causar complicações e óbito do paciente (HUANG; CAI; SU, 2019).

Dentro desse cenário a assistência dos profissionais de enfermagem torna-se fundamental para a recuperação do paciente acometido por choque hipovolêmico e séptico, visto que o tratamento quando realizado de maneira eficaz, poderá trazer contribuições para o melhor prognóstico dos pacientes (COSTA; ROCHA, 2014).

Diante disto, a equipe de enfermeiros é responsável pelo gerenciamento e manutenção dos pacientes que estão inseridos no Protocolo de Transfusão Maciça (PTM), tal como na ampliação da técnica de Recuperação Intraoperatória de Sangue (RIOS), e no atendimento emergencial de pacientes que estão em risco de choque. Além disso, estes ficam destinados exclusivamente ao atendimento de pacientes com quadros de hemorragias visíveis ou presumidas no trauma, assim como na operação do equipamento de Tromboelastometria Rotacional (ROTEM) em pacientes que estão apresentando hemorragia grave, devendo atuar em conjunto com a equipe médica (NASCIMENTO, 2019).

Esse estudo será de extrema importância para os graduandos e profissionais de enfermagem, pois é uma temática imprescindível para a prática desses profissionais, visto que o choque hipovolêmico ocorre corriqueiramente em sua rotina de trabalho, sendo necessário estar capacitado e preparado para a realização do manejo e assistência desses pacientes.

Para a orientação desse estudo houve a formulação da seguinte questão de pesquisa: Como está sendo realizada a assistência dos profissionais de enfermagem frente ao paciente com choque hipovolêmico e séptico?

Para responder essa questão tem-se como objetivo geral: Descrever a assistência realizada pelos profissionais de enfermagem frente ao paciente com choque hipovolêmico e séptico.

**2. METODOLOGIA**

O presente estudo trata-se de uma revisão de literatura do tipo integrativa. O levantamento bibliográfico foi realizado entre o período de 01 a 30 de setembro de 2023, nas bases de dados indexadas: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Scientific Eletronic Library Online (SCIELO).

Para a busca dos estudos foram utilizados os seguintes descritores: choque hemorrágico, choque AND enfermagem. que estão registrados nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e que foram definidos de acordo com a temática proposta.

Os critérios de inclusão desse estudo foram os artigos originais na íntegra disponíveis nas bases de dados, escritos em língua portuguesa e que foram publicados nos últimos dez anos, entre o período de 2013 a 2023.

Os critérios de exclusão do estudo foram os resumos, livros, resenhas, relatos técnicos, estudos de revisão de literatura e os artigos em que a temática central não estava relacionada à assistência ao paciente em choque hipovolêmico e choque séptico.

Após a busca foram encontrados 124 estudos na base LILACS e 46 artigos no SCIELO. Após a análise, leitura dos estudos e aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados um quantitativo de 7 estudos para compor a revisão, visto que esses abrangeram a temática proposta, responderam a questão norteadora e atingiu o objetivo do estudo.

**3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Após a seleção dos estudos nas bases de dados, foram distribuídos em um quadro de dados contendo as seguintes informações: título, autor, ano e objetivo do estudo (quadro 1).

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| **TÍTULO** | **AUTOR** | **ANO** | **OBJETIVO DO ESTUDO** |
| Risco de choque em pacientes com hemorragia grave: caracterização e atuação do enfermeiro do trauma. | Fernanda Aparecida de Queiroz Lima. et al. | 2023 | Apresentar as características clínicas dos pacientes vítimas de trauma que necessitaram de transfusão emergencial para uma abordagem do Diagnóstico de Enfermagem “Risco de Choque”. |
| Registros de enfermagem e médicos sobre pacientes com choque séptico em emergência hospitalar. | Arilene Lohn. et al. | 2022 | Analisar os registros de enfermagem e médicos em prontuários de pacientes com diagnóstico suspeito ou confirmado de sepse ou choque séptico. |
| Conhecimento do enfermeiro sobre o choque séptico. | André Luiz Thomaz de Souza. et al. | 2018 | Identificar o conhecimento sobre o choque séptico dos enfermeiros que atuam em um hospital público de grande porte. |
| Dificuldades enfrentadas por enfermeiros no reconhecimento e manejo da sepse. | Thais Vilela Sousa. et al. | 2021 | Identificar dificuldades de enfermeiros para o reconhecimento e manejo da sepse e choque séptico. |
| Conhecimento de enfermeiros sobre sepse e choque séptico em um hospital escola. | Thais Vilela de Sousa. et al. | 2020 | Identificar o conhecimento de enfermeiros sobre sepse e choque séptico em um hospital escola. |
| Elaboração e validação de protocolo de gerenciamento e manuseio da hemorragia grave no trauma. | Velma Dias do Nascimento. | 2019 | Construir e validar protocolo de gerenciamento e manuseio da hemorragia grave no trauma. |
| Uso do ácido tranexâmico em usuários atendidos no serviço pré-hospitalar aéreo público do Distrito Federal. | Kate Winslet Siqueira dos Santos. et al. | 2023 | Analisar o uso do ácido tranexâmico no serviço pré-hospitalar aéreo público do Distrito Federal. |

**Fonte:** autores, 2023.

Estando em conformidade com um estudo desenvolvido por Lima et al., (2023) em um hospital de referência no trauma do Ceará, foi possível observar que a participação da equipe de enfermeiros tem proporcionado um melhor acompanhamento do paciente crítico em choque hemorrágico submetido ao Protocolo de Transfusão Maciça, corroborando para a redução do uso inadequado e desperdícios de hemocomponentes e hemoderivados, oportunizando assim uma assistência integrada com a equipe da emergência que está em assistência ao paciente grave.

Ainda, essa equipe de profissionais está disponível em tempo integral para realizar o atendimento inicial na emergência e gerenciamento do paciente com hemorragia grave, objetivando a identificação de maneira precoce dos casos com perda sanguínea significativa, bem como a garantia de uma assistência qualificada, contribuindo assim para a redução das chances de evolução para um choque hipovolêmico (LIMA et al., 2023).

Além desses aspectos, tornou-se perceptível em um estudo desenvolvido no Distrito Federal, que houve uma redução significativa do grau de choque hipovolêmico e melhora dos parâmetros hemodinâmicos no momento do atendimento pré-hospitalar para o intra-hospitalar após a administração do Ácido Tranexâmico (ATX) e demais medidas para a contenção da hemorragia. Também, notou-se que houve a reposição volêmica com hemoderivados na primeira hora após a chegada a unidade hospitalar, com 74,51% dos pacientes e 3,92% após 24 horas de atendimento (SANTOS et al., 2023).

A equipe de enfermeiros do trauma também gerou impactos positivos, permitindo a identificação do paciente com risco para o desenvolvimento de choque hemorrágico, com cobertura total da utilização do ATX e acompanhamento laboratorial. Ademais, os enfermeiros foram os profissionais escolhidos para a realização do manuseio da tromboelastometria, disponível no hospital para a utilização em pacientes com hemorragia grave, sendo uma metodologia de avaliação da coagulação, assim possibilitando a otimização e redução de desperdícios em sua utilização (NASCIMENTO, 2019).

Para além desses aspectos, um estudo desenvolvido em uma unidade de Acolhimento com Classificação de risco, demostrou através da analise dos registros que existem falhas na assistência dos profissionais de enfermagem e medicina, visto que as práticas clínicas não foram executadas conforme orientado pelas diretrizes internacionais de tratamento ao choque séptico. Assim como, predominaram a ausência de evoluções clínicas do paciente, data e hora nas prescrições, ausência da anotação dos sinais vitais dos pacientes com queixas associadas, tal como o tempo de administração do antibiótico foi superior ao recomendado, e o aprazamento das medicações indicaram fragilidades no processo de trabalho, podendo acarretar impactos no prognóstico dos pacientes com septicemia (LOHN et al., 2022).

Um estudo realizado com 41 enfermeiros de um hospital público de grande porte localizado no litoral sul do estado de São Paulo identificou que estes possuíam fragilidades no conhecimento dos sinais e sintomas de alerta para o choque séptico, principalmente relacionados aos estágios iniciais do choque, como a suspeita da infecção, que não foi reconhecida por 31,7% dos enfermeiros, e era desconhecida por 17,1% dos participantes (SOUZA et al., 2018).

Outro estudo evidenciou que existiram dificuldades encontradas pelos profissionais para a identificação dessa infecção, devido à falta de atualização e capacitação, assim corroborando para confusão em relação aos sinais e sintomas da infecção, principalmente por serem inespecíficos e serem comuns em outras patologias. Além disso, alguns enfermeiros referiram que deixam para o profissional médico diagnosticar e tomar as condutas necessárias frente ao caso, também relataram que existem outros desafios relacionados a instituição de trabalho, pois existe uma sobrecarga de trabalho, e a falta de recursos humanos e materiais para a prestação de uma assistência mais eficiente (SOUSA et al., 2021).

Ademais, percebeu-se que os profissionais de enfermagem apresentaram conhecimentos insatisfatórios acerca da definição da septicemia e sua classificação, do mesmo modo sobre os sinais e sintomas associados a essa infecção. Esse mesmo estudo apresentou que as falhas na identificação precoce das alterações sistêmicas causadas por essa infecção, não estão atreladas somente aos profissionais, mas também as instituições de saúde, devido à falta de protocolos e treinamentos para a atualização da equipe (SOUSA et al., 2020).

**4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante dos aspectos mencionados, o manejo dos profissionais de enfermagem está direcionado ao atendimento integral e em tempo hábil, levando em consideração as medidas para a contenção da hemorragia grave, assim evitando complicações, como a evolução para um choque hipovolêmico. Além do mais, os pacientes que foram vítimas de trauma, houve a reposição volêmica com hemoderivados na primeira hora após a chegada em ambiente hospitalar.

No que se refere ao choque séptico, observou-se que existiram falhas na assistência de enfermagem, principalmente referente aos registros acerca dos horários de administração dos antibióticos, ausência dos sinais vitais dos pacientes, e administração das medicações em período superior ao recomendado, tal como ausência das evoluções clínicas. Portanto, essas falhas assistenciais expõem os pacientes a uma série de riscos, visto que a septicemia é uma infecção sistêmica grave, que pode até mesmo levar o paciente a óbito.

Diante disso, é imprescindível que os setores de educação permanente e continuada criem estratégias para atualizar os profissionais de enfermagem acerca do manejo ao paciente com suspeita ou confirmação de choque hipovolêmico e séptico, para assim estarem preparados para prestar uma assistência com mais eficácia e qualidade.

**REFERÊNCIAS**

COSTA, Isabel Cristina Nunes; ROCHA, Anna Karina Lomanto. Assistência de enfermagem a pacientes com diagnóstico de choque hipovolêmico. **Rev. InterScientia**, João Pessoa, v. 2, n. 1, p. 77-88, 2014.

HUANG, Min; CAI, Shaoli; SU, And Jingqian. The pathogenesis of sepsis and potential therapeutic targets. **Rev. International Journal of Molecular Sciences**, v. 20, n. 21, p. 1-31, 2019.

LIMA, Fernanda Aparecida de Queiroz. *et al*. Risco de choque em pacientes com hemorragia grave: caracterização e atuação do enfermeiro do trauma. **Rev. Enfermagem Foco**, v. 14, p. 1-6, 2023.

LOHN, Arilene. *et al*. Registros de enfermagem e médicos sobre pacientes com sepse ou choque séptico em emergência hospitalar. **Rev. Enfermagem da UFSM**, v. 12, p. 1-14, 2022.

NASCIMENTO, Velma Dias. **Elaboração e validação de protocolo de gerenciamento e manuseio da hemorragia grave no trauma.** Dissertação (Mestrado Profissional em Tecnologia e Inovação em Enfermagem) – Universidade de Fortaleza – UNIFOR. Fortaleza, 2019.

SANTOS, Kate Winslet Siqueira. *et al*. Uso do ácido tranexâmico em usuários atendidos no serviço pré-hospitalar aéreo público do distrito federal. **Rev. Nursing**, v. 26, n. 296, p. 9246-9250, 2023.

SILVA, Eliézer; GARRIDO, Alejandra Gallardo; ASSUNÇÃO, Murillo Santucci Cesar Avaliação da perfusão tecidual no choque. **Rev. Medicina**, Ribeirão Preto, v. 34, n. 1, p. 27-35, 2001.

SOUSA, Thais Vilela. *et al*. Conhecimento de enfermeiros sobre sepse e choque séptico em um hospital escola. **Rev. Journal Health NPEPS**, v. 5, n. 1, p. 132-146, 2020.

SOUSA, Thais Vilela. *et al*. Dificuldades enfrentadas por enfermeiros no reconhecimento e manejo da sepse. **Rev. Journal of Nursing and Health**, v. 11, n. 3, p. 1-14, 2021.

SOUZA, André Luiz Thomaz. *et al.* Conhecimento do enfermeiro sobre o choque séptico. **Rev. Ciênc. Cuid. Saúde**, v. 17, n. 1, p. 1-7, 2018.

SPAHN, Donat R. *et al*. The European guideline on management of major bleeding and coagulopathu following trauma: fifth edition. **Rev. Critical Care**, London, v. 23, n. 1, p. 1-74, 2019.